
Artigo Original

O Papel da Tecnologia no Processo Educacional: Reflexões e Contextos

The Role of Technology in the Educational Process: Reflections and Contexts

Míriam Gravena de Oliveira¹, Renata Cristina Machado² e Lisliane dos Santos Cardôzo³

1. Graduada em Licenciatura em Matemática pelas Faculdades Integradas de Itararé, Itararé, SP (FAFIT).

2. Graduada em Ciências Biológicas pela Faculdade de Jandaia do Sul, Jandaia do Sul, PR (FAFIJAN).

3. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora da rede pública e particular de educação básica, Santa Maria, RS.

migravena90@hotmail.com ; renata_cris_bio@yahoo.com.br e lis_cardozo@hotmail.com

Palavras-chave

Afetividade

Educação

Linguagens

Tecnologias

Keywords

Affection

Education

Languages

Technology

Resumo:

O presente texto, intitulado “O papel da tecnologia no processo educacional: reflexões e contextos” é um ensaio que desenvolve investigações sobre os usos das tecnologias no processo educacional, tendo como referência a relação de mediação das tecnologias entre pais e filhos e professores e alunos. A investigação circunda a problemática da relevância do uso das tecnologias no processo educacional. Assim, o objetivo geral é compreender os impactos característicos da influência da tecnologia no desenvolvimento pessoal e estudantil de crianças e adolescentes. De forma específica, buscou-se apresentar o uso da tecnologia como instrumento educativo a serviço dos pais; analisar o papel de pais e professores, como mediadores do processo educacional no manejo das tecnologias; discutir o uso excessivo das tecnologias em ambiência educacional. Para tanto, a metodologia é de abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, aliado ao método das narrativas autobiográficas. Os resultados obtidos foram relevantes, visto que há necessidade de mediação no processo para o encontro do equilíbrio para o bom uso das tecnologias.

Abstract:

This text, entitled “The role of technology in the educational process: reflections and contexts” is an essay that develops investigations on the uses of technologies in the educational process, having as reference the relationship of mediation of technologies between parents and children and teachers and students. The investigation surrounds the issue of the relevance of the use of technologies in the educational process. Thus, the general objective is to understand the characteristic impacts of the influence of technology on the personal and student development of children and adolescents. Specifically, we sought to present the use of technology as an educational tool at the service of parents; analyze the role of parents and teachers, as mediators of the educational process in the management of technologies; discuss the excessive use of technologies in an educational environment. For that, the methodology has a qualitative approach, of bibliographic nature, allied to the method of autobiographical narratives. The results obtained were relevant, since there is a need for mediation in the process to find the balance for the good use of technologies.

Artigo recebido em: 06.03.2021.

Aprovado para publicação em: 31.03.2021.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é um ensaio sobre o impacto do uso das tecnologias durante o processo educacional de crianças e adolescentes. Nesse sentido, a temática da pesquisa trata da relevância da mediação de pais, tutores e professores acerca da cautela na utilização dos recursos tecnológicos como instrumentos de ensino e desenvolvimento pessoal. Partindo do exposto, o problema de pesquisa apresenta a seguinte problemática:

Em que medida, o uso das tecnologias, por pais e professores, impacta no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Nessa perspectiva, emerge nosso objetivo geral: problematizar os impactos da tecnologia no desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Elencou-se, a partir daí os objetivos específicos: apresentar o uso das tecnologias como instrumento educativo disponível e acessível aos pais; analisar o papel dos pais e professores como mediadores do processo educacional, através do uso das tecnologias; problematizar o uso excessivo das tecnologias.

A tecnologia está profundamente presente na vida da sociedade moderna e, portanto, faz-se importante pensá-la também como um recurso pedagógico e/ou uma estratégia metodológica. Uma reportagem para o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas afirma que “um adolescente de classe média, hoje na faixa dos 15 anos de idade, nasceu num período em que o Google e a internet já faziam parte da vida cotidiana de muitas pessoas do seu universo de convívio, tanto no aspecto social como educacional” (KÄMPF, 2011, p. 1).

Nesse contexto, torna-se relevante uma pesquisa que identifique possíveis problemas que esse convívio e nova realidade possam acarretar, socialmente e no âmbito educativo. Nosso objetivo é levantar discussões que possibilitem a reflexão sobre como enfrentar as dificuldades apresentadas pelo uso excessivo ou escasso da tecnologia, pois a abordagem levanta a hipótese que os dois extremos são insatisfatórios no processo de desenvolvimento educacional, seja ele familiar ou escolar. Além disso, essa pesquisa se justifica também por evidenciar a necessidade de um diálogo constante e atualizado entre professores e pais em busca do uso equilibrado das tecnologias.

Frente a apresentação da estrutura da pesquisa, as próximas três sessões abordarão o referencial teórico a partir de três temáticas. A primeira apresenta como os pais e tutores vêm usando a tecnologia na educação dos filhos, levando em consideração as características geracionais, a partir de Jordão (2016); Haddes- Algra (2020); Correa (2015). Em seguida, apresenta-se o papel de pais, tutores e professores, como mediadores do uso das tecnologias no processo educacional, à luz de Lopes e Melo (2014); Correa (2015); Peixoto e Araújo (2012). A última reflete sobre o uso excessivo ou escasso das tecnologias a partir dos fundamentos de Lins (2015); Almeida (2005). Por fim, apresenta-se as considerações finais sobre a pesquisa em tela.

Dados os objetivos desse estudo, é relevante esclarecer que serão discutidos referenciais teóricos à luz de memórias autobiográficas, as quais tratam de discutir as seguintes temáticas: a utilidade dos meios eletrônicos e tecnológico na educação de crianças e adolescentes, a mediação das tecnologias por pais e docentes e os danos do uso excessivo ou escasso das tecnologias.

METODOLOGIA

Na metodologia buscamos um caminho para a compreensão do tema partindo de três dimensões: a abordagem qualitativa, o referencial bibliográfico e a metodologia que utiliza as narrativas autobiográficas. Em relação à abordagem qualitativa, Moraes (2003, p. 191) explica que “(...) as pesquisas qualitativas cada vez mais tem se utilizado de análises textuais”, posto que estas possibilitam a análise de dados e referências que investigam as perguntas complexas, emergentes das investigações qualitativas.

Diante da abordagem, utilizamos a pesquisa bibliográfica, visando o escopo do trabalho. Treinta (2012) destaca os cuidados que precisamos ter na escolha de referenciais teóricos, tendo em vista a construção argumentativa fundamental dos temas propostos. No que concerne às narrativas autobiográficas, a metodologia aborda a pesquisa narrativa, dando significado às compreensões das vivências humanas através de histórias

oriundas das experiências dos sujeitos. Assim, “[...] uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 18)

Desse modo, a pesquisa narrativa apresenta os fatos vividos, não apenas dados, mas também das experiências e, portanto, legitima-se enquanto metodologia, posto que conforme os autores, constituem-se como um

[...]paradigma compreensivo, que a história de vida se legitima como método/técnica de investigação/formação, situando-se no campo da virada hermenêutica, em que se compreendem os fenômenos sociais como textos e a interpretação como atribuição de sentidos e significados das experiências individuais e coletivas. ‘Ao produzir saber, ao dizer como as coisas são, o homem produz racionalidade, evidenciando uma estreita relação entre os dois termos - saber e racionalidade’ (HERMANN, 2003, apud NASCIMENTO, 2017, p. 65).

Concluimos que o uso desta metodologia busca dar sentido, ao longo do constructo do desenvolvimento, às memórias autobiográficas das experiências docente. Estas memórias, pedagogicamente (auto) refletidas, são fundamentadas em pesquisas que discutem as temáticas partindo de referências teóricas relevantes de como significamos experiências de aprendizagem. Desse modo, aproveita-se a oportunidade de experienciar a realidade de pesquisa, dialogando com o pessoal e o social, visando o enriquecimento da pesquisa e analisar as práticas e vivências individuais pensando em um contexto plural. Por conseguinte, neste artigo são apresentados diferentes tipos de textos que comporão as sessões, tais como as escritas autobiográficas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A MEDIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS PELAS FAMÍLIAS

Nesta sessão apresentaremos as vinculações existentes entre o papel dos pais na educação dos filhos e o uso das mediações tecnologias para essa finalidade. Os pais da atual geração de crianças e adolescentes pertencem a duas gerações distintas, sendo elas a geração X, que pertence aos nascidos entre 1960 e 1980, e a geração Y que pertence aos nascidos entre 1990 e 2000. A geração X foi uma geração ainda sem tecnologias excessivas, que vivenciou “o medo do futuro incerto e a constante convivência com ameaças da então Ditadura Militar em que o Brasil vivia definiu a infância dessa geração” (JORDÃO, 2016, p. 4). Já a segunda geração citada, a geração Y viveu em um momento de maior estabilidade política e já estava permeada pela tecnologia avançada, pois nessa [...] mesma época tivemos a popularização da internet e o começo da “invasão tecnológica” de nossas vidas, ou seja, essa geração acompanhou de perto o começo e o crescimento das máquinas modernas” (JORDÃO, 2016, p. 5). O fato por último apresentado contribui para o início de uma utilização possivelmente excessiva e desnecessária para a criação dos filhos.

Portanto, “A sociedade está sendo confrontada com um aumento explosivo no uso de mídia interativa” (HADDERS-ALGRA, 2020, p. 1) e, para aquelas famílias que possuem recursos financeiros, a tecnologia está presente no cotidiano com o uso, desde a primeira infância, de babas e cadeirinhas de balanço eletrônicas, além do uso do celular, do tablet, entre outros. Precisamos considerar que na grande maioria das famílias as mulheres estão inseridas no mercado de trabalho e que recai sobre elas, exclusivamente, a terceira jornada de serviços domésticos. Ainda, segundo dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE), em 2018, existem 11 milhões de brasileiras¹ que são mães solo, onde a tarefa de cuidar e prover é feita sozinha. Então, é compreensível que seja feito o uso das tecnologias para facilitar as demandas do dia a dia. Assim, rapidamente o emprego das tecnologias passa a ser rotineiro e, muitas vezes, indiscriminado. Deste modo, as mudanças atravessadas por essa geração são muitas.

Os filhos dessas duas gerações apresentadas nasceram a partir de 2000 e pertencem às gerações Z e Alpha, a geração Z foi cercada “[...] desde o berço pelo mundo complexo e veloz que a tecnologia engendrou. Diferentemente de seus pais, sentem-se à vontade quando ligam ao mesmo tempo a televisão, o rádio, o telefone, música e internet” (JORDÃO, 2016, p. 05), para melhor entendimento sobre a geração Alpha, apoiemo-nos nas palavras do autor, visto que o mesmo explica:

A chamada geração Alpha são as crianças que nasceram depois do ano 2010- a mais nova geração deste século 21. O termo foi usado pela primeira vez pelo sociólogo australiano Mark McCrindle, em março de 2010, e seu nome tem origem na primeira letra do alfabeto grego, ‘α’. A geração Alpha nasceu em um contexto global no qual as novas tecnologias estão bem mais desenvolvidas do que há dez anos. Os desafios ambientais são mais preocupantes e a quantidade de informação com as quais lidamos no dia a dia nunca foi tão grande (JORDÃO, 2016, p. 06).

Estas crianças nasceram na geração em que a informação está a um clique de distância, porém elas são expostas a um nível de informação ao qual não possuem maturidade de assimilação, muitas vezes, não sabem sequer distinguir o que é real do que é fantasia.

Relembro que em determinados momentos da aula de Matemática, ao comentarmos um fato que estava no livro, ou por vezes até alguma notícia importante que está na TV, alguns alunos relacionarem o fato ou a notícia com algum jogo de computador da moda, ou por vezes associar pessoas a personagens (Memórias das autoras)

De um lado estão os jovens que não sabem administrar as informações recebidas, do outro, os adultos que não sabem como iniciar o processo para filtrá-las, afinal a “geração anterior não teve tanto acesso à informação e a educação como esta. Aparentemente são mais inteligentes do que nós” (JORDÃO, 2016, p. 29). Devido a essa falsa impressão, de que a geração atual possui um nível maior de inteligência, por demasiadas vezes os pais se omitem na função de educar, crendo erroneamente, que a escola é mais competente para isso.

Evocando experiências docentes, traz-se o fato de que muitos alunos quando questionados sobre algum bilhete enviado na agenda, afirmam que os pais não quiseram verificar, mesmo com a solicitação do aluno. Isso não se resume a bilhetes de solicitação, mas também com bilhetes informativos, o que faz com que o aluno, por vezes, perca atividades extracurriculares (Memórias das autoras).

Nesse sentido, o problema em questionamento tem relação com o “[...] desenvolvimento neuropsicomotor da criança, as figuras materna e paterna são tidas como referenciais a serem seguidos e imitados” (CORREA et al, 2015, p. 809). E, mediante a isso surge o questionamento de como a criança vai aprender e se desenvolver, quando, as figuras de referência não estão presentes?

Em nossas reflexões, enquanto professoras, emergem memórias de momentos de incapacidade, de não como agir diante de determinado comportamento. E, assim, buscamos o diálogo com os pais. Quando informamos isso aos alunos, a resposta vem da forma: “- Pode chamar meu pai, ele não vai fazer nada, ele nem

liga!” O aluno busca transformar a indiferença que os pais vêm apresentando, em algo positivo e até mesmo útil para eles (Memórias das autoras).

Parte dos problemas ocorrem devido à ausência de afeto, visto que muitas crianças foram criadas com o suporte constante das máquinas, muito instrutivas, porém sem sentimento algum sobre afetividade da criança. Infelizmente, os pais, devido as exigências do cotidiano, estão esquecendo a responsabilidade para com a educação de seus filhos, o que acarreta prejuízos no desenvolvimento. Logo, essa criança se “protege” no seu mundo digital. Este fato é percebido através do autor quando esse afirma que “[...] as tecnologias podem causar isolamento social da criança, tornando-as menos altruístas, ou seja, menos preocupadas em ajudar ou oferecer coisas boas ao próximo, pois ficam conectadas por horas, abandonando os interesses de terceiros” (CORREA *et al.*, 2015, p. 810).

É possível notar a diferença entre o uso ou não das tecnologias no desenvolvimento das crianças por meio de pesquisas sobre o assunto ou com a vivência dos dois períodos, tanto a geração X quanto a geração Y, tiveram a oportunidade de atravessar períodos sem e com tecnologia. Sendo assim, estes têm experiências de vida nesses dois momentos e, claramente, tiveram infâncias totalmente diferentes. Isto não quer dizer, que uma infância foi melhor que a outra por não ter acesso à tecnologia, mas que foram realidades muito diferentes que vão, necessariamente, refletir no comportamento. Aqui cabe ainda enfatizar as palavras do autor, que garante:

Pais e adultos responsáveis respondem pela idade a partir da qual seus filhos ou tutelados definem seus primeiros contatos com dispositivos comunicacionais. Em especial no caso de celulares, depende deles a autorização de uso, estabelecendo quando seus filhos são considerados aptos a manuseá-los, compartilha-los ou tê-los como seus (SANTOS, 2020, p. 50).

Nesse contexto, notamos que o jovem terá a convivência com os meios tecnológicos caso os pais autorizem. Porém, a vontade de seguir normalmente com a vida, mesmo após a chegada dos filhos, torna este fato corriqueiro em muitas famílias. O excesso da procura por algo, no momento, mais fácil, como o celular, pode privar de momentos de qualidade, criatividade e afetividade.

Cabe aqui, rememorar um fato ocorrido com uma aluna, que se encontrava na faixa dos 10 anos. Levava constantemente o celular para escola e o mantinha ligado durante as aulas, afirmando que sua mãe ligaria. Ao questionar a mãe sobre o ocorrido, afirmou que a criança ficava sozinha em casa enquanto trabalhava, e que o celular e uma câmera era a maneira como ela monitorava a criança (MEMÓRIAS DAS AUTORAS).

Entendemos que, em alguns contextos, os pais têm utilizado as tecnologias disponíveis como ferramentas que ocupam o lugar de uma babá ou da sua própria supervisão presencial, claro que a um custo financeiro baixíssimo quando comparado aos serviços prestados por uma pessoa que cobraria salários preestabelecidos. No entanto, o afeto e a presença dos genitores são indispensáveis no desenvolvimento, tanto da criança quanto do adolescente, visto que as tecnologias, na maioria das vezes, não transmitem afeto e nem mesmo segurança para estes indivíduos em desenvolvimento. Precisamos considerar também que o mundo do trabalho exige cada vez mais, com a terceirização, o fenômeno da “uberização”², das relações flexíveis de trabalho, do subemprego, exige cada vez que trabalhemos mais por menos. Claramente, isso reflete nas famílias, na qualidade de vida e no uso da tecnologia com um meio de suprir a ausência de tempo com os pais.

A MEDIAÇÃO DAS TECNOLOGIAS NAS ESCOLAS

A escrita, nesta parte do texto, tem por finalidade analisar dificuldades e as possibilidades da mediação feita pelo professor no uso de tecnologias como um recurso educativo.

Tem sido um desafio, para os professores, o confronto entre as gerações e o uso indiscriminado da tecnologia na educação por parte dos pais. A geração BABY BOMMERS, pertencente às crianças nascidas entre 1940 e 1960, e podemos afirmar que são os professores que estão às margens da aposentadoria ou já se aposentaram. Muitas vezes, encontram-se em funções readaptadas. Muitos seguem trabalhando por necessidade, mesmo com a saúde frágil, e, certamente, sentem mais esse confronto de realidades de como era a sua geração e como as crianças vivem hoje.

Compreendemos que a responsabilidade sobre o manuseio de instrumentos eletrônicos como um recurso de aprendizagem não cabe somente aos pais. Conforme nos aponta o autor, cabe aos pais e ao espaço formal de educação “(...) conduzir a criança a hábitos saudáveis e procurar mediante a qualidade de vida promover sua saúde” (CORREA et al, 2015, p. 09). No entanto, o uso das tecnologias como um recurso pedagógico em sala de aula ainda gera controvérsias, isto porque alguns professores não transitam bem no meio tecnológico, isto excedente o conflito iminente entre as gerações, em concordância com o autor, onde firma que “considerando-se que alunos e professores de hoje são respectivamente, nativos e imigrantes digitais, ou seja, falantes de linguagens diferentes, podemos imaginar que existam “dificuldades de comunicação” entre eles (LOPES; MELO, 2014, p. 57).

Além disto, dessas duas linguagens em que as gerações foram educadas, a realidade é que em escolas públicas nem sempre existe um ambiente adequado para o uso das tecnologias. São raras as escolas que possuem laboratório de informática equipado, pronto para o uso, bem como monitores para esse ambiente. A grande maioria esmagadora das escolas não possui computadores disponíveis para uso dos professores, quanto mais para os alunos. As salas de aula não são equipadas com computadores e projetores. O sinal de internet é fraco e seu uso é limitado. Então, tentar usar a tecnologia, de algum modo, não é uma tarefa fácil para os professores de escolas públicas. As escolas públicas, infelizmente, não acompanharam as tecnologias. Assim, o fato é que a dificuldade de inserção da tecnologia nas salas de aula não está limitada na diferença de linguagem na comunicação, incluso nos percalços existentes está a ocorrência de que “[...] muitas instituições não possuem tais recursos ou esses não se encontram em condições adequadas de funcionamento” (LOPES; MELO, 2014, p. 51). Isto porque o uso das tecnologias requer um custo de aquisição e manutenção que as instituições não dispõem em demasia. Fazendo a vinculação teórica com a prática pedagógica, em experiências docentes percebemos que muitos alunos almejam usar recursos tecnológicos durante as aulas, por ser um atrativo ou por ser uma forma mais rápida de atingir um objetivo. Tomemos como exemplo aqui a facilidade e rapidez de se conhecer uma história através de um filme, que dessemelha de forma abrupta de ler um livro com a mesma história. No entanto, podemos afirmar que é possível, através da tecnologia, acessar uma história ou fazer uma pesquisa de forma mais rápida, no entanto, não podemos afirmar qual experiência será mais proveitosa, porque depende de vários fatores.

Mesmo que os alunos mostrem empenho neste tipo específico de aulas, que tem como meio de busca os instrumentos eletrônicos “[...] há muitos professores que ainda não fazem uso ou pouco utilizam o computador e a internet em alas [...]” (LOPES; MELO, 2014, p. 51). Inúmeras são as dificuldades apontadas para a não realização de aulas deste tipo entre elas o autor aponta, “[...] a falta de interesse em fazer ou aprender a

fazer o uso delas, as dificuldades em lidar com algo novo, que exige mudanças e práticas individuais, a sobrecarga de trabalho do professor [...]” (LOPES; MELO, 2014, p. 55).

Verificamos que, as dificuldades emergem por parte dos professores, parte pelas instituições, mas é inegável a consistência do anseio dos alunos por adquirir conhecimento de forma rápida. Para equilíbrio de consenso, é possível que o professor como mediador insira em pequenas doses a tecnologia em sala de aula, visando contornar os possíveis problemas de percurso, afinal ao tomar como exemplo o computador, se pode concordar com o autor ao dizer que “[...] o computador é tomado como um recurso pedagógico que pode melhorar a qualidade do processo de ensino e de aprendizagem, o aluno é visto como construtor de conhecimento e o professor como mediador entre o aluno, o computador e o saber” (PEIXOTO; ARAUJO, 2012, p. 257).

Nesse contexto, surge para o professor a possibilidade de conciliar as aulas de modo a satisfazer ambas as partes, já que a aula não seria totalmente baseada em aparelhos eletrônicos, sem necessariamente esse aparelho estar em posse do aluno, já que o professor estaria mediando o processo e apropriando-se dos “[...] benefícios que podem trazer para o processo de aprendizagem. Um deles é o grande interesse dos jovens pelas tecnologias” (LOPES; MELO, 2014 p. 55). Esse interesse garantiria a atenção dos alunos e é o primeiro passo para que estes se apropriem do conhecimento que está sendo ofertado.

Rememoro que como professora, pertencente à geração Z, ou seja, que domina as tecnologias, muitas são as vezes que opto por não utilizar de forma direta com os alunos, com receio que ocorra algum dano físico nos aparelhos enquanto estão sob minha responsabilidade e supervisão. Optando assim pela forma indireta do uso dos aparelhos (MEMÓRIAS DAS AUTORAS).

O ante exposto mostra que nem sempre a falta de domínio é empecilho, mesmo porque as crianças auxiliariam neste processo já que “[...] este adolescente maneja com destreza qualquer tocador de mp3, celular, smartphone, tablete ou leitor de e-book e já tentou ensinar seus professores, pais ou avós a usar o controle da TV de LED ou mesmo a criar um perfil no Facebook” (KÄMPF, 2011, p. 1). Entretanto, é difícil a tarefa de supervisionar uma única criança utilizando, por exemplo, um computador, quanto mais várias, pois essa é a realidade: trabalhamos com turmas superlotadas e com alunos com demandas diferentes. Se os professores tivessem menos alunos, claramente, seria mais fácil realizar atividades com o uso de jogos eletrônicos, celulares, computador, entre outros recursos. Por parte dos alunos não é uma surpresa o aprendizado digital já que essas crianças nasceram com esta tecnologia já desenvolvida, conforme o autor [...] “as crianças e os jovens percebem e se apropriam dessas tecnologias de forma tão natural como o fazem com qualquer outro elemento do seu universo de socialização, tomando-as como parceiras de suas vivências lúdicas e aprendizagens” (LOPES; MELO, 2014, p. 56).

Fica evidente o anseio por tecnologia por parte dos alunos e as dificuldades destacadas pelos educadores nas instituições de ensino. Para possível êxito do desempenho de ensinar e aprender, concluímos que a tarefa de encontrar um equilíbrio entre o novo e o tradicional não é fácil, considerando as possibilidades de cada instituição de ensino. A tecnologia pode ser uma aliada na educação e no ensino, no entanto, o excesso e a ausência são extremos que precisamos repensar.

A PROBLEMÁTICA DO USO EXCESSIVO DAS TECNOLOGIAS

Nesta terceira parte do texto, a discussão recairá diante de opiniões controversas. Aqui será apresentado um assunto que permeou as partes anteriores do texto, isto é, como o uso das tecnologias pode ser feito de

maneira adequada, sem, no entanto, tornar-se excessivo. Dentro da perspectiva apresentada, existe a afirmação de que:

A criança quando interage com outras pessoas fora do ambiente familiar, aprende atitudes, opiniões e valores a respeito da sociedade, mais especificamente do espaço de inserção de seu grupo social. Por meio das experiências vividas, a criança vai paulatinamente compreendendo o mundo e interiorizando as regras afirmadas pela sociedade, sendo a família e a escola as mediadoras primordiais desse processo, apresentando e dando sentido ao mundo social (LINS, 2015, p. 46 e 47).

O papel da escola vai muito além da parte acadêmica, tendo também a função de ajudar na constituição da personalidade do cidadão crítico e autônomo. Complementando a afirmação de que (OLIVEIRA; STOLTZ apud VYGOTSKY, 2010, p. 81), “[...] ainda que a experiência emocional da criança em relação ao meio social é decisiva no curso de seu desenvolvimento psicológico, pois determina o tipo de influência que a situação ou o meio terá sobre ela”. Ou ainda lembrando que, apesar do papel indiscutível da escola para a construção da perspectiva de mundo da criança e do adolescente, “[...] os pais e/ou os cuidadores são os responsáveis pela estrutura emocional dos seus filhos e desempenham o papel de facilitadores no seu processo de crescimento e desenvolvimento” (CORREA et al, 2015, p. 809). Portanto, a família e escola precisam estar de acordo no que tange a mediação do processo de uso adequado das tecnologias nas mãos das crianças.

[...] recorro-me de trabalhar com alunos em sala e presenciar um determinado professor, de outra disciplina, solicitar aos alunos que trouxessem o celular para realização de uma atividade. Atividade esta, que inclusive era sugerida pelo livro didático. No entanto, a possibilidade tornou-se um transtorno, pois alguns pais não permitiam que seus filhos utilizassem o celular sem a supervisão deles (Memórias das autoras).

Podemos afirmar que esta é uma referência delicada, uma abordagem que deve ser dialogada com detalhamento para que não haja discussões como as que se desenrolaram na situação acima. O uso excessivo pode ser considerado ruim visto que o, “[...] impacto das tecnologias no viver saudável das crianças é evidente e inegável, uma vez que, segundo os pais, as tecnologias proporcionam o isolamento, o sedentarismo e a falta de outras formas de brincar” (CORREA et al, 2015 p. 211). Se por um lado o excesso é prejudicial a ausência total de tecnologia também é, causando um problema denominado exclusão digital, de acordo com o autor

De modo geral, o termo exclusão digital é usado para sintetizar todo um contexto que impede a maior parte das pessoas de participar dos benefícios das novas tecnologias. Atualmente, as consequências da exclusão social acentuam a desigualdade tecnológica e dificultam o acesso ao conhecimento, aumentando o abismo entre ricos e pobres (ALMEIDA et al, 2005, p. 59).

Por conseguinte, problemas podem surgir tanto do uso em demasia, quanto na abstinência das tecnologias, visto que a não familiarização pode tornar o aluno excluído pelos demais, justificado pelo fato que a exclusão digital “[...] pode ser vista por diferentes ângulos, tanto pelo fato de não ter um computador, ou por não saber utilizá-lo (saber ler) ou ainda para manipular a tecnologia com a qual se convive no dia a dia (ALMEIDA et al, 2005, p. 56). Assim, é necessário o contato com o meio tecnológico ainda que de forma moderada e, claro, supervisionada.

Para os pais, que dentro do contexto, optam por não permitir a interação dos filhos com os meios eletrônicos, podemos fazer o acompanhamento do uso das tecnologias e persuadir os pais ao bom uso das tecnologias e que essas farão falta no futuro profissional de seus filhos para que não fiquem alienados dos processos tecnológicos.

Concluimos que o uso em excesso de tecnologias pode ser a raiz de várias questões problemáticas como:

[...] práticas de consumo desenfreados, associadas às propagandas entre as crianças e os adolescentes, estão relacionadas ao surgimento de inúmeros problemas, como a erotização precoce, os transtornos de comportamento e os alimentares, a violência, e o estresse familiar (CORREA et al, 2015, p. 809).

De modo que, a preocupação dos pais não é infundada, mas possivelmente pode ser contornada com um diálogo esclarecedor, o texto tende ao pensamento que tudo em exagero é prejudicial, e é preciso equilíbrio, bom senso e responsabilidade na administração do assunto com crianças e adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos, através de nossas referências teóricas, que o uso das tecnologias no processo educacional é educativo quando há um mediador capaz de equilibrar a interação das crianças com as tecnologias, tendo em vista o processo ensino e aprendizagem. Nesse sentido, apontamos alguns problemas que surgem ao tentar associar as tecnologias ao processo educacional. Foi possível compreender o impacto característico da influência tecnológica no desenvolvimento pessoal e acadêmico de crianças e adolescentes, além de pontuar considerações sobre a importância da presença da afetividade durante a construção do processo de aprendizagem. Além do mais, o fato de adolescentes da “geração Alpha”, pertencerem a esta geração de extrema velocidade nos acontecimentos pode auferir nas questões de influência ou não das tecnologias.

Ponderamos o fato de que a geração atual recebe informações de forma demasiada, porém com pouca maturidade para discerni-las. Perante a problemática, implica compreender os impactos característicos da influência tecnológica, especificamente no processo de desenvolvimento das crianças e adolescentes.

O uso de recursos tecnológicos apresenta possibilidades, entre as barreiras das formações dos docentes e também das instituições de ensino. O estudo evidenciou que é necessário diálogo entre pais e professores, para que seja de comum acordo o uso destes métodos em sala de aula. Ficou evidente, ainda, que o processo de aprendizagem, quando há exageros no uso dos recursos tecnológicos, pode ter prejuízos. Por outro lado, na abstinência total do uso dos recursos é excludente no contexto em que vivemos.

Por fim, concluimos que o uso das tecnologias apresenta certas implicações que devem ser investigadas no processo educacional. Além disso, é preciso conhecimento educativo para fazer com que o processo de aprendizagem tendo como meio o uso de tecnologias seja efetivado, promovendo o acesso às tecnologias de maneira moderada, porém eficiente, para aperfeiçoar a aprendizagem.

NOTAS

1. SILVA, Vitória Régia. **Um retrato das mães solo na pandemia**. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/>> Acesso em: 22/03/2021.

2. O fenômeno da uberização consolidou empresas que agora intermedeiam a demanda de trabalhadores cada vez mais informais e que não têm vínculos empregatícios.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lília Bilati de et al. O retrato da exclusão digital na sociedade brasileira. **JISTEM J.Inf.Syst. Technol. Manag. (Online)**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 55-67, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180717752005000100005&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 13/03/2021.
- CORREA, Aline Medianeira Gomes et al. Percepção de Pais acerca do Impacto de Tecnologias no viver saudável dos seus filhos. **Cogitare Enferm.** Santa Maria, 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/teste/Downloads/41127-167257-1-PB.pdf>> Acesso em: 13/03/2021.
- HADDERS-ALGRA, Mijna. Uso de mídia interativa e desenvolvimento infantil precoce. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 96, n. 3, p. 273-275, jun. 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572020000300273&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 15/03/2021.
- JORDÃO, Matheus Hoffmann. **A mudança de comportamento das gerações X,Y,Z e Alfa e suas implicações**. São Carlos, 2016. Disponível em: <<http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20162/SLC0631-1/geracoes%20xyz.pdf>> Acesso em: 12/02/2021.
- SANTOS, Thaís Aluane Silva et al. O acesso a tecnologias pelas crianças: necessidade de monitoramento. **Risti**. Porto Alegre, n. 38, p. 38-48, set. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S164698952020000300005&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 20/03/2021.
- SILVA, Vitória Régia. **Um retrato das mães solo na pandemia**. Disponível em: <<http://www.generationnumero.media/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/>> Acesso em: 22/03/2021.
- KAMPF, Cristiane. A geração Z e o papel das tecnologias digitais na construção do pensamento. **Com Ciência**, Campinas, n.131, 2011. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000700004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14/02/2021.
- LINS, Zoraide Margaret Bezerra et al. O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. **Rev. SPAGESP**. Ribeirão Preto, v.16, n.1, p. 43-59, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167729702015000100005&lng=pt&nrm=iso> Acessos em: 25/02/2021.
- LOPES, Priscila Malaquias Alves; MELO, Maria de Fátima Aranha de Queiroz e. O uso das tecnologias digitais em educação: seguindo um fenômeno em construção. **Psicol. educ.** [online]. 2014, n. pp. 49-61. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752014000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22/03/2021.
- PEIXOTO, Joana; ARAUJO, Claudia helena dos Santos. Tecnologia e Educação: Algumas considerações sobre o discurso pedagógico contemporâneo. **Educ. Soc.**, Campinas, v.33, n. 118, p. 253-268, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a16.pdf>> Acesso em: 15/02/2021.

